



LISPECTOR E UMA APRENDIZAGEM A PARTIR DE ENCONTROS

Luiza Bäumer Mendes – luizabaumer@yahoo.com.br

Universidade Franciscana, UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-2961-2233>

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto – marcelepr@hotmail.com

Universidade Franciscana, UFN, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-6856-8626>

RESUMO: Este trabalho se propõe a pensar e construir uma aprendizagem a partir da Teoria das Filosofias da Diferença juntamente com o livro de Clarice Lispector – Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. É um estudo que se propõe, através de uma pesquisa de cunho cartográfico, a pensar a aprendizagem a partir do conceito de encontro, pensado principalmente com a filosofia de Gilles Deleuze, trazendo reflexões e pensamentos no que diz respeito aos encontros e experiências que mobilizam aprendizagens. Trata-se então de tensionarmos que há aprendizagem nisso que acontece através das relações, através dos encontros, do contato com o outro. É pensar justamente que a aprendizagem é mobilizada a partir dessas experiências, desses movimentos e daquilo que acontece quando há encontros.

PALAVRAS-CHAVE: Gilles Deleuze; encontro; aprender; experiência.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo teórico de cunho cartográfico propõe-se trazer reflexões e pensamentos sobre uma aprendizagem que é construída a partir dos encontros. Trata-se de uma aprendizagem construída a partir da teoria das Filosofias da diferença, através do conceito de encontro, e principalmente, do encontro do teórico com o literário, a partir da obra de Clarice Lispector – Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.

A intenção neste trabalho é traçar, a partir da obra de Clarice, os encontros que a mesma nos permite e emerge, quando tocados pelas construções teóricas de Deleuze, filósofo pós-estruturalista, que percebeu o encontro como um aspecto vital para a produção de diferenças e singularidades. Há então, uma aposta em esmiuçar essas leituras, convocar o leitor àquilo que essas obras lhe despertam, reconhecendo que há um aprender nisso, há algo que a partir de suas diferenças lhes aproxima.

É importante frisar que o conceito de encontro o qual trataremos aqui não se refere somente ao encontro por si só, encontrar algo, alguém ou alguma coisa. O encontro o qual estamos pensando mobilizar essa aprendizagem, inspirado na leitura deleuzeana, é um encontro com algo que provoca alguma coisa, que faz sentir, desacomodar, tensionar, que nos permite construir, desconstruir (MACHADO, 2010). É um encontro que movimenta, que nos transforma, e é nesse sentido que queremos pensar em uma aprendizagem. Uma aprendizagem pensada e formada a partir de encontros, é

uma aprendizagem que mobiliza afetos, sentimentos, que nos convoca a pensar, a pensar diferente, repensar, movimenta a construção do pensamento e a forma como somos.

Nesse sentido, este trabalho é inspirado também pela cartografia como metodologia. A escolha pela abordagem cartográfica vincula-se ao entendimento da pesquisa como um processo que não procura preestabelecer as regras e os caminhos a serem percorridos (PASSOS e BARROS, 2010). Para a cartografia, o caminho definitivamente só pode ser traçado ao caminhar e, neste caminhar, vão sendo delineados seus objetivos, suas metas e regras singulares, específicas deste traçado. Ou seja, há aqui uma tentativa de pesquisar diferente, de um pesquisar que compreende e salienta a importância do processo, do caminho, do percurso. Mais ainda, é aposta num modo de pesquisar que por si só acontece e trabalha a partir dos encontros, com os encontros, com os encontros que se dão no decorrer do estudo e da pesquisa.

Costa (2014) aponta que a cartografia é feita de encontros, encontros que produzem algo, que deslocam, que desacomodam, encontros que não se tem como prever, que dizem de uma outra ordem. Que se relacionam com aquilo que acontece, com as experiências. Ou seja, encontros esses que promovem e possibilitam transformação, de algo que não se sabe bem sobre como ou o que irá acontecer, mas que se movimenta.

E é entre esses pensamentos que esse escrito se dá, como uma aposta em refletir, pensar, em tentar construir uma aprendizagem a partir desses encontros, uma aprendizagem que possa mobilizar, que possa transformar. Trata-se de se aventurar em construir uma aprendizagem que possa ser reconhecida por meio da potência e da sensibilidade que os laços e os encontros podem mobilizar. Uma aprendizagem com encontros, a partir de encontros e de encontros com as aprendizagens de Clarice Lispector.

2 ENCONTROS COM DELEUZE E AS FILOSOFIAS DA DIFERENÇA

Gilles Deleuze foi um filósofo que revitalizou a própria filosofia, ao reler uma grande heterogeneidade de clássicos como Kant, Nietzsche, Spinoza, reinventando-os e construindo com estes encontros o seu próprio pensamento filosófico. No encontro entre Deleuze e Spinoza fica demonstrado que, para o primeiro, fazer filosofia não é repetir ou repensar filósofos, mas um processo de criação que surge do encontro com o pensar diferente, com aquilo que escapa ao próprio pensamento e que mobiliza inspirações e novas maneiras de perceber o mundo e as questões colocadas por ele.

A partir de uma leitura um tanto quanto deleuzeana sobre a perspectiva de Spinoza pode-se pensar a palavra encontro relacionado ao encontro de corpos (MACHADO, 2010). Seria então tratar o encontro como algo que diz respeito a um bom ou mau encontro. Machado (2010) explica que o bom

encontro seria aquele onde os corpos que entram em contato, se relacionam, combinam, aumentando a potência que compõe a relação característica com o próprio corpo, onde algo se produz. O mau encontro seria aquele onde não há uma combinação, ou encaixe, mas onde a relação característica formada por esse encontro teria então uma tendência a destruir-se.

Nesse sentido, o mau encontro é quando há o encontro de um corpo com outro, e que produz uma afetação ou uma modificação, mas que há, a partir desse movimento, uma tendência destrutiva. O bom encontro pode-se pensar como uma possibilidade de uma relação característica que também afeta, ou seja, é um encontro que também transforma e modifica, mas que de certo modo combina, se relaciona fazendo com que exista e promova uma potencialidade de pensar – potência de agir (MACHADO, 2010).

Deleuze (2002) disserta acerca do conceito de potência a partir de Spinoza tratando-a como ativa, relacionada com o ato e nesse sentido com algo que se conecta com os afetos. A potência de agir seria aquilo que está mais intrinsecamente relacionada com o próprio ser, o que propõe e promove a existência do ser, a força de existir.

Nesse sentido aquilo que irá promover, aumentar, ou então diminuir essa potência de agir, é o afeto. Esse afeto enquanto sentimentos são originários a partir de dois principais – alegria e a tristeza, sentimentos relacionados à alegria, seria o momento onde se percebe um aumento da potência de agir e os sentimentos relacionados à tristeza se relacionam com a diminuição dessa potência. Ainda é importante que pensemos que essa ideia de afetos como algo que refere a um certo “termômetro” sobre a potência de agir, diz respeito a uma espécie de momento, ou movimento, se relaciona com uma passagem, não é estritamente estático ou definitivo, mas aquilo onde pode-se perceber variações. Os afetos podem ser considerados como variações que determinam e norteiam a potencialidade de agir dos sujeitos (MACHADO, 2010).

A diminuição ou então ao aumento dessa potência de agir relaciona-se a com a essência do próprio ser, e as possibilidades que o mesmo possui no que diz respeito a afetar-se com determinado encontro ou não. Faz-se necessário pensar nessa relação de afetação como uma expressão da essência em forma de idealização, realização ou então completude, como uma potência de agir que fomenta as formas de se expressar e de se reconhecer dentro do campo das relações que são construídas a partir de encontros (MACHADO, 2010).

No que configura o encontro, é importante refletir sobre esse conceito a partir de uma significação que parte dele para definir um corpo. Ou seja, é através do encontro que um corpo pode ser definido, reconhecido. De acordo com Tadeu (2002), para que um corpo exista dentro da sua completude, é necessário que ele esteja imerso em movimentos, em ato, relacionado com os afetos que a ele se conectam e que norteiam o encontro.

Os corpos são movidos por movimentos, por direções, afetações, falhas, encontros, desencontros, repouso. O que faz com que dois corpos se encontrem? Ou então o que acontece quando dois corpos se encontram? Os movimentos ou não dos corpos levam a um determinado encontro a partir da sua capacidade de agir, a partir da potência de agir. A partir desse momento, em que o movimento dos corpos delimita um determinado encontro, é essa potência de agir que irá delimitar se esse encontro é bom ou não (TADEU, 2002).

A partir de uma leitura de Spinoza, Gallo (2017) disserta sobre essa movimentação dos corpos, fazendo pensar que o que resulta dos encontros entre os corpos são transformações, aquilo que Spinoza chamou de afecções. Essas mudanças, para além dos corpos, acontecem no pensamento, movimentam também o modo de pensar, a mente. Nesse sentido, é importante pensar que o corpo e a mente não se separam, mas sim, estão atreladas.

Portanto, retém-se do encontro entre Deleuze e Spinoza a necessidade de compreender o encontro como aqueles movimentos que singularizam nossa existência, que são capazes de diminuir ou aumentar nossa vitalidade e nossa potência de agir.

3 ENCONTRANDO LISPECTOR, UMA APRENDIZAGEM

Pensar sobre uma aprendizagem que aconteça e seja sensibilizada a partir desse conceito de encontro, é tensionar as formas como esse encontro enquanto aprendizagem vem acontecendo. A aprendizagem de acordo com Kastrup (1999) é o que se dá justamente no encontro das diferenças, e o que proporciona uma experiência de problematização, de invenção do problema. A autora trata de pensar o termo de aprendizagem inventiva, visto que o aprender afeta, desloca, tensiona, questiona formas constituídas, nos inquieta, propõe um estranhamento, provoca invenção. Nesse sentido, para Kastrup (1999) a aprendizagem inventiva nos é forçada, pela diferença, sob o ponto de vista de que há um processo de construção e produção da subjetividade que aí está.

O aprender é então o que não pode ser planejado, mas como uma potência que pode surgir e arrombar, desacomodar e instigar os processos de aprendizagem. O aprender tem de ser desvinculado da representação, o aprender é tudo aquilo que não é representação, porque se relaciona com o novo, com o diferente. Aprender é aquilo que possibilita transformação, mudanças, não aquilo que diz de algo que já se pensou ou que já passou, aprender não é saber. O saber tem relação com conhecimento, com dados, com informações, com especificações, já o aprender não, por isso pensar o aprender como algo que se relaciona mais com o não-saber, com as incertezas, com o arriscar-se.

Nesse sentido, pode-se refletir que durante toda a construção narrativa de Clarice, na obra *Uma aprendizagem* ou o livro dos prazeres, percebe-se que a personagem Lóri vai entrando em contato e se

apropriando dessas aprendizagens, desses saberes que lhe acontecem que lhe encontram. A personagem vai a partir da sua experiência, a partir de um certo mergulho em si mesma, descobrindo e aprendendo coisas que jamais imaginara.

Parou um instante estupefacta. Parecia assustada por estar avançando dentro de si talvez depressa demais e com todos os riscos – em que direção? (LISPECTOR, 1998, p. 88)

Há nesse fragmento do livro, uma espécie de relato daquilo que ela sentia e experienciava, há um questionamento sobre em que direção estava indo, e nem ela mais já sabia, sabia que ia, que iria ir construindo, que iria continuar buscando algo que já não sabia o que. Por esse motivo, há que se pensar a possibilidade do aprender metaforicamente como um correr riscos – como uma aposta, com tudo aquilo que não se tem modelo e nem garantias, sob um ponto de vista que coloca esse exercício como algo que não tem fim, que está sempre em mudança, em movimento se construindo para se desconstruir.

Aprender é um encontro com o diferente, com a possibilidade de uma existência do único, do inédito, do singular e subjetivo que invoca e invade os sujeitos, potência (ZUCOLOTTI, 2018, p. 221). Podemos pensar que se trata de ser esse o encontro que percebemos acontecer entre Lóri e Ulisses:

Ficaram calados como se os dois pela primeira vez se tivessem encontrado. Estavam sendo.

- Eu também, disse baixo Ulisses.

Ambos sabiam que esse era um grande passo dado na aprendizagem. E não havia perigo de gastar este sentimento com medo de perdê-lo, porque se era infinito, de um infinito de ondas do mar. Eu estou sendo, dizia a árvore do jardim. Eu estou sendo, disse o garçom que se aproximou. Eu estou sendo, disse a água verde da piscina. Eu estou sendo, disse o mar azul do Mediterrâneo. Eu estou sendo, disse o nosso mar verde e traiçoeiro. Eu estou sendo, disse a aranha e imobilizou a presa com o seu veneno. Eu estou sendo, disse uma criança que escorregara nos ladrilhos que circundavam a piscina. Mas a luz se aquietava para a noite e eles estranharam, a luz crepuscular. Lóri estava fascinada pelo encontro de si mesma, ela se fascinava e quase se hipnotizava (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Ou seja, a partir desse encontro entre os dois, há uma potência que emerge, uma potência de ser, de querer ser, potência essa que não é medida ou quantificada, mas que se relaciona com algo extremamente único e singular. Ambos estavam sendo, porque haviam se encontrado, e algo havia acontecido, fazendo com que ambos já não fossem os mesmos. A partir desse encontro, algo se deslocou, algo dentro deles se modificou.

Pode-se relacionar isso, com o que Deleuze (2002) disserta acerca do conceito de potência a partir de Spinoza tratando-a como ativa, relacionada com o ato e nesse sentido com algo que se conecta com os afetos, que é preenchido por afecções. A potência de agir seria aquilo que está mais intrinsecamente

relacionada com o próprio ser, o que propõe e promove a existência do ser, a força de existir, exatamente como a potência que emergiu do encontro de Lóri e Ulisses.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões (LISPECTOR, 1998, p. 78).

É percorrendo por esses caminhos, que o aprender enquanto encontro, potência, novo, enquanto encontro com aquilo de mais ínfimo e singular do próprio ser (GALLO, 2017). Enquanto aquilo que pode nos tornar mais críticos, mais apropriados do nosso próprio desejo, mais próximos do nosso próprio existir e ser. É justamente por esse motivo, a importância de se pensar as humanidades no campo do ensino, porque o ensinar e o aprender estão dentro do campo do ser, do humano, permeia pelas nossas relações, tem que ser mais do que considerado bem como incorporado nos campos de aprendizagem. É nesse sentido a necessidade de compreender que o encontro com o aprender é tudo aquilo que nos convoca, nos mobiliza, nos humaniza, nos compõe, e aí então se transforma de novo, se modifica, se recompõe e recomeça, em um exercício infinito feito pelo próprio pensamento.

4 ENCONTROS CARTOGRÁFICOS

Este estudo possui caráter cartográfico, sendo que a cartografia a qual Deleuze e Guattari (1997) construíram na coletânea de Mil Platôs, refere-se a um pensar sobre a realidade, a partir de outros pontos norteadores. Trata-se então de um pesquisar diferente dos métodos convencionais, onde os objetivos e resultados são foco principal. Aqui trataremos de pensar que o mais importante e fundamental da pesquisa, refere-se um acompanhar os processos.

A pesquisa cartográfica procura se ater aos caminhos, aos percursos, é uma espécie de pesquisa onde o pesquisador está completamente dentro do estudo. E nesse sentido, torna-se importante pensar que há um encontro do cartógrafo com a pesquisa, ou seja, há algo que surge a partir dessa relação, que é contaminada uma pelo outro.

Nesse sentido, Costa (2014) disserta acerca de a cartografia ser composta e formada por encontros, exatamente aquilo proposto por esse estudo, onde os encontros produzem e possibilitam aprendizagens. O encontro ao qual Costa (2014) fala diz respeito também ao que acontece durante a pesquisa, que são os encontros imprevisíveis, encontros inesperados. Trata-se de pensar que a pesquisa é, portanto, composta por esses encontros e que os mesmos sempre produzem alguma coisa, promovem alguma desacomodação, um certo deslocar-se. Um encontro é, portanto, algo que sempre acontece a partir das multiplicidades.

É por essa razão que, para a cartografia, sempre estamos passíveis de encontros, encontros esses que podem surgir a partir de algo que não se espera, mas que pode ser extremamente potente (COSTA, 2014). O que Rolnik (1989) aponta é que, para realizar uma cartografia, há a necessidade de haver uma sensibilidade do que cartógrafo, justamente a isso tudo que acontece durante a pesquisa, até mesmo as coisas que, aos olhos dos outros, podem ser pequenas. O cartógrafo tem de estar atento a tudo, a todo o momento, porque tudo é possível de agregar, acrescentar e produzir construções e encontros para a pesquisa.

Por esse motivo, que este escrito pediu uma forma de se desenvolver a partir de uma cartografia. Pois ele mesmo se refere a um encontro entre a Teoria das Filosofias da Diferença e o livro de Clarice Lispector, em uma tentativa de construir uma aprendizagem que justamente possa acontecer por entre esse elo, a partir dessa relação e desse encontro. Trata-se de reconhecer que a aprendizagem que aconteceu durante a pesquisa, também diz respeito e envolve os encontros que durante o percurso se deram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em uma aprendizagem que aconteça a partir dos encontros, é considerar e principalmente acreditar em uma forma diferente de aprendizagem. É por isso a necessidade de conversar juntamente com a Teoria das Filosofias da Diferença. Trata-se de pensar que a aprendizagem não é algo que possamos controlar, escolher, formular e universalizar. Quando pensamos em uma aprendizagem a partir de encontros, é justamente pensar que a aprendizagem pode acontecer a partir de algo que não se sabe, de uma forma ou lugar que não se sabe, mas que mobiliza transformações e singularizações nos seres

É pensar que podemos aprender com, e que isso é algo que nos caracteriza, nos singulariza e nos compõe. Aprendemos com o outro, no contato com o outro, a partir de inúmeros e diferentes encontros, mas aprendemos a partir de algo que é nosso, que é diferente. As experiências, as nossas vivências e tudo o que nos acontece possibilita também o modo como aprendemos. Um aprender a partir de encontros, reconhece a importância e a potência que o contato com o outro pode proporcionar para a aprendizagem. Mas para além disso, trata-se de pensar que é a partir dos encontros que nos tornamos mais críticos, que tensionamos coisas, que criamos novas formas de perceber e compreender o mundo e tudo ao nosso redor.

É a partir dos encontros que há a possibilidade de transformarmos, de nos movimentarmos, e é por esses caminhos que uma aprendizagem mais sensível pretende percorrer. Ou seja, construir novos caminhos, se deparar com diferentes e infinitas possibilidades, outros aprendizados, diferenças, desacomodar, transformar. É sobre isso que se trata de uma aprendizagem que seja mobilizada a partir

dos encontros, ou seja, trata-se de um aprender que acontece com, um aprender que não se sabe, que não se determina, mas que acontece. Uma aprendizagem que pode ser potente e significativa, porque ela leva em consideração o afeto, a experiência o contato com o outro. Sempre estamos aprendendo algo quando estamos com o outro, porque esse outro se refere a outras histórias, outros modos de compreender a vida, outra forma de existir. É por isso que há em encontros algo que modifica, que nos modifica, que nos toca, que nos invade, que nos coloca em uma posição de inquietar-se, de modificar-se. Trata-se de poder assim como Lóri na sua relação com Ulisses, experienciar outras coisas, outros sentimentos, outras formas de si mesma a partir dos encontros que lhe acontecem, e isso, também se refere a um aprender. Aprender sobre, aprender com, aprender a partir de encontros.

4 REFERÊNCIAS

- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. *Revista digital do LAV – Santa Maria*. V. 7, n. 2, p. 65-76, mai./ago. 2014.
- DELEUZE, G. *Esquiza*: Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GALLO, S. O aprender em múltiplas dimensões. *Perspectivas da Educação Matemática*. v. 10, n. 22, p. 103-114, 2017.
- KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo*. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17-31.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- TADEU, T. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, 2002.
- ZUCOLOTTO, M. P. R. Aprender, ensinar: questões contemporâneas. BORTOLUZZI, V. I.; ALVES, M. A. *Formação de professores: ensino, linguagens e tecnologias*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

Title

Lispector and a learning from meetings.

Abstract

This work proposes to relate, as well as to think and build a learning from the Theory of Philosophies of Difference together with the book of Clarice Lispector – A learning or the book of pleasures. It is a study that proposes, through a cartographic research, to think about learning from the concept of meeting, thought mainly with the philosophy of Gilles Deleuze, bringing reflections and thoughts with regard meetings and experiences that mobilize learning. It is than a question of stressing that there is learning in what happens through meetings, through contact with the other. It means thinking that learning is mobilized based on these experiences, these movements and what happens when there are meetings.

Keywords

Gilles Deleuze; Meeting; Learn; Experience.

Recebido em:

Aceito em: 26/01/2021.